

Uma aventura muito perigosa no Xingu

Índios detêm aventureiros brasileiros e estrangeiros, ameaçam espancá-los e confiscam equipamentos

João Carlos Leal

Enviado especial

• CANARANA (MT). O enredo previa a aventura, mas não incluía as cenas de terror. No último fim-de-semana, 12 dos 17 integrantes da Expedição Autan — entre eles um repórter do GLOBO — que tentavam atravessar o Parque Nacional do Xingu, foram seqüestrados e aprisionados, passando 48 horas sob o poder de 80 índios, alguns armados, que não pouparam ameaças de violência física.

O grupo, que conta com brasileiros e estrangeiros, ficou detido no posto da Funai Leonardo Villas-Boas, no centro do parque, e, para poder sair ileso, teve que deixar dois barcos e seus motores como resgate. Parte do equipamento, incluindo caminhonetes e jipes, foi apreendida ou roubada. Ontem à noite, os aventureiros ainda negociavam com os

índios a liberação de um veículo que estava na Fazenda Sayonara, na divisa com a reserva.

Para resgatar os carros apreendidos na fazenda, os coordenadores da expedição foram obrigados a concordar em comprar uma caminhonete nova. Mas mesmo impondo sua vontade, os índios depararam os veículos que estavam na Sayonara. Os aventureiros decidiram, então, chamar a Polícia Militar.

De madrugada, parte do grupo, auxiliada por quatro policiais armados, voltou à fazenda, levando um compressor para encher os pneus dos veículos esvaziados pelos índios e baterias para substituir as que haviam sido retiradas. Quando o alarme de um dos carros disparou, os índios começaram a gritar, tentando assustar a caravana. Os PMs dispararam dois tiros para o alto.

O objetivo da empreitada —

patrocinada por uma série de empresas encabeçadas pela Bayer — era refazer o caminho do coronel Percy Fawcett, desaparecido em 1925 enquanto procurava uma civilização perdida nas matas próximas ao Rio Xingu. Os aventureiros saíram no dia 15 de Cuiabá para uma jornada de duas semanas e acabaram vítimas de um truque. Aproveitando a existência de dezenas de interlocutores — funcionários da Funai, 15 caciques do Xingu e até membros de uma organização não-governamental — os índios autorizaram a visita e depois que o grupo já estava no parque, simplesmente, negaram que tivessem permitido a passagem da expedição.

De nada valeu mostrar a autorização da Funai assinada pelo cacique Ianacula Rodarte — administrador do Xingu. Também não adiantou lembrar que o cacique Aritana, a maior autoridade

entre os índios na região, empenhara sua palavra com os expedicionários. Nem mesmo o convite feito ao grupo pelos caciques Jacalo e Narro, da nação Kuikuro, serviu como salvo-conduto.

— Foi tudo uma grande armadilha. O diretor do parque autorizou, mas, no posto, os caciques nos disseram que não sabiam de nada. Aí o Ianacula ficou quieto, contestou sua própria autorização por escrito e permitiu que os índios nos tomassem tudo. Isso é uma quadrilha — acusou o diretor de operações da expedição Renê Belmonte.

Assim que chegaram à reserva, a caravana teve seus barcos apreendidos. De revólver na cintura, o cacique Ararapan, funcionário da Funai e chefe do posto Leonardo Villas Boas — acompanhado por quatro índios armados com carabinas e rifles — escoltou os expedicionários até o posto, onde eles

passariam 48 horas de terror.

Um grupo de quase 100 índios, bastante excitado, ameaçava arrancar as roupas dos expedicionários e, em seguida, pintá-los e espancá-los com bordunas. Segundo eles, os brancos desrespeitavam os índios. Os aventureiros só foram libertados depois de concordar em deixar os barcos e os motores e partir de avião.

Pertences dos expedicionários aprisionados foram roubados durante o desmonte do acampamento e o transporte das mochilas e barracas para a pista de pouso. Os índios confiscaram dinheiro, comida, roupas e uma bolsa, desrespeitando a ordem dos caciques de deixar o grupo partir em paz. Os integrantes da expedição devem voltar a São Paulo no próximo domingo. ■

João Carlos Leal viajou a convite da Expedição Autan

O GLOBO
26/6/96

13